



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE GESTÃO PÚBLICA  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO PÚBLICA**

**MARIANE CAZUZA SANTOS**

**ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS DA CASA DA  
ECONOMIA SOLIDÁRIA E DA ECOART CARIRI EM SUMÉ - PB**

**SUMÉ - PB  
2022**

**MARIANE CAZUZA SANTOS**

**ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS DA CASA DA  
ECONOMIA SOLIDÁRIA E DA ECOART CARIRI EM SUMÉ - PB**

**Artigo Científico apresentado ao  
Curso Superior de Tecnologia em  
Gestão Pública do Centro de  
Desenvolvimento Sustentável do  
Semiárido da Universidade Federal  
de CampinaGrande, como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Tecnólogo em Gestão Pública.**

**Orientador: Professor Dr. Luiz Antonio Coêlho da Silva.**

**SUMÉ - PB  
2022**



S237a Santos, Mariane Cazuza.

Análise das contribuições econômicas e sociais da Casa da Economia Solidária e ECOART CARIRI em Sumé - PB. / Mariane Cazuza Santos. - 2022.

53 f.

Orientador: Professor Dr. Luiz Antônio Coelho da Silva.

Artigo Científico - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública.

1. Economia solidária. 2. Empreendimentos. 3. Autogestão. 4. Artesanato - Sumé - PB. 5. Casa da Economia Solidária - Sumé - PB. 6. ECOART CARIRI - Sumé - PB. 7. Políticas públicas e economia solidária. I. Silva, Luiz Antônio Coelho da. II. Título.

CDU: 334.73(045)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**MARIANE CAZUZA SANTOS**

**ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS DA CASA DA  
ECONOMIA SOLIDÁRIA E DA ECOART CARIRI EM SUMÉ- PB**

**Artigo Científico apresentado ao  
Curso Superior de Tecnologia em  
Gestão Pública do Centro de  
Desenvolvimento Sustentável do  
Semiárido da Universidade Federal  
de Campina Grande, como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Tecnólogo em Gestão Pública.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Professor Dr. Luiz Antonio Coêlho da Silva.  
Orientador – UAGESP/CDSA/UFCG**

---

**Professor Me. Ivandro Batista de Queiroz.  
Examinador Externo - Secretaria de Educação do Estado da Paraíba**

---

**Professor Dr. Allan Gustavo Freire da Silva.  
Examinador Interno - UAGESP/CDSA/UFCG**

**Trabalho aprovado em: 31 de agosto de 2022.**

**SUMÉ - PB**

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Jesus Cristo, por me dá o dom da vida e me manter firme na fé, na caminhada e nunca desistir de mim. A Nossa Senhora por interceder por mim em cada passo dado. Nada seria possível se não fosse a proteção divina em minha vida.

Meus pais, meus maiores exemplos de perseverança! Mãe, Maria de Lourdes Cazuzza Santos, minha inspiração diária, que cuida tão bem de mim e me protege. É por você que enfrento todos os obstáculos e busco te dá orgulho, essa caminhada foi vencida com você ao meu lado me incentivando e não me deixando desistir, te amo para todo o sempre! Pai, Marcos Paulo Sousa Santos, meu espelho de forças e caráter. Sempre me incentivando a seguir os estudos, nunca me deixando faltar nada. Obrigada por sempre batalhar por nossa família. Te amo para todo o sempre!

Ao meu irmão Marcos Vinicius Cazuzza Santos, por todo carinho e companheirismo de sempre. Por sempre se preocupar comigo e por existir em minha vida, me divirto muito com você, apesar das nossas “arenguinhas”; estaremos sempre unidos. Te amo para todo o sempre! E a toda minha família que sempre torce pelas minhas conquistas, meus avós, tias e tios, primas e primos.

Ao meu professor e orientador Dr. Luiz Antonio Coêlho da Silva, por ser tão compreensivo e prestativo nessa caminhada, desde as aulas, a oportunidade de participar do seu projeto e por aceitar ser meu orientador nesse trabalho final. Sou muito grata por todas as palavras, ensinamentos e conhecimentos partilhados. Meu muito obrigada!

Agradeço imensamente a todos os docentes que durante o curso repassaram seus conhecimentos, onde podemos construir saberes de grande importância para minha caminhada acadêmica. E a todos que fazem o CDSA.

Aos meus amigos da trajetória acadêmica Christian, Giselly, Leonardo, e Vitor. Vivemos momentos tensos e intensos nessa caminhada, mas o melhor de tudo foi que aprendemos muito uns com os outros e ficarão as lembranças. Desejo sucesso na vida de cada um de vocês. Vocês são especiais.

Agradeço a minha amiga Jusiele Naiara “minha dupla”, por todos os momentos compartilhados durante esse tempo. Sempre tivemos uma a outra nessa trajetória, quando estava cansada e exausta do trabalho, você me animava e fazíamos nossos

trabalhos pelas madrugadas haha. Muito obrigada, amiga! Pode ter certeza que essa caminhada acadêmica não teria sido a mesma sem você.

Aos meus amigos e amigas por todo companheirismo e cumplicidade. Por sempre acreditarem no meu potencial, me incentivando a finalizar essa meta. Vocês são mais que especiais: Laís Menezes; Halanna Campos; Tatiane Farias; Bruna Costa; Elaine Clemente; Divania Clemente; Nathália Carvalho; Maria Freitas; Tatiane Melo; Victor Hugo; Nayra Isabel; Renata Félix, Julia Thais; Ricardo Menezes; Danrley Lima; Érica Samara e Lucas André.

Ao meu grande amigo e irmão José Luis, por sempre me incentivar e me ajudar, não somente na caminhada acadêmica, mas na vida. Você é luz em minha vida. Desejo muitas vitórias para você. Te amo muito e obrigada por tudo!

A minha madrinha Sandra Rozendo, por sempre rezar por mim e me incentivar a vencer as batalhas. Obrigada, Madrinha! Você tem um lugar especial em meu coração.

Agradeço também as artesãs da Casa da Economia Solidária e da ECOART CARIRI, por contribuírem de forma significativa para minha pesquisa, respondendo ao questionário e me recebendo tão bem nos espaços solidários.

Enfim, só gratidão!

## RESUMO

O objetivo geral deste artigo é avaliar as atividades desenvolvidas na Casa da Economia Solidária de Sumé e da ECOART CARIRI e suas contribuições sociais e econômicas para o município de Sumé, na Paraíba. Já como objetivos específicos, têm-se: Verificar os avanços da casa da economia solidária e da ECOART CARIRI desde sua fundação até os tempos atuais em Sumé-PB; Demonstrar o nível de satisfação das empreendedoras com suas próprias produções na Casa da Economia Solidária e na ECOART CARIRI, Identificar as mudanças e medidas que foram tomadas pelas artesãs no período da pandemia do Covid-19, e sugerir melhorias para a gestão da casa da economia solidária e da ECOART CARIRI e seus empreendimentos solidários. A metodologia deste trabalho pode ser classificada em estudo descritivo, exploratório, de natureza quali-quantitativa, através de um estudo de caso na Casa da Economia Solidária e na ECOART CARIRI, em Sumé, na Paraíba. A análise de dados se deu por meio de questionário aplicado com as empreendedoras solidárias e artesãs, com análise bibliográfica. Logo após, foi feita a análise de dados através de gráficos e quadros para melhor simplificar as respostas dos questionários, e constatou-se que as empreendedoras econômicas solidárias contribuem de modo significativo nas atividades solidárias do município. Por fim, concluiu-se que a Casa da Economia Solidária de Sumé e da ECOART CARIRI contribui para o desenvolvimento socioeconômico do município de Sumé- Paraíba.

**Palavras-chave:** Economia Solidária; Autogestão; Empreendimentos; Artesanato.

## ABSTRACT

The general objective of this article is to evaluate the activities developed at the Casa da Economia Solidária de Sumé and ECOART CARIRI and their social and economic contributions to the municipality of Sumé, in Paraíba. As specific objectives, we have: To verify the advances of the Solidarity Economy House and of ECOART CARIRI from its foundation to the present time in Sumé-PB; Demonstrate the level of satisfaction of entrepreneurs with their own productions at Casa da Economia Solidária and ECOART CARIRI, Identify the changes and measures that were taken by artisans during the Covid-19 pandemic, and suggest improvements for the management of the Casa da Economia Solidária and ECOART CARIRI and its solidary enterprises. The methodology of this work can be classified as a descriptive, exploratory study, of a quali-quantitative nature, through a case study at Casa da Economia Solidária and at ECOART CARIRI, in Sumé, Paraíba. Data analysis was carried out through a questionnaire applied to solidarity entrepreneurs and artisans, with bibliographic analysis. Soon after, data analysis was carried out through graphs and tables to better simplify the answers to the questionnaires, and it was found that solidarity economic entrepreneurs contribute significantly to solidarity activities in the municipality. Finally, it was concluded that the House of Solidarity Economy of Sumé and ECOART CARIRI contributes to the socioeconomic development of the municipality of Sumé-Paraíba.

**Keywords:** Solidarity Economy; Self-management; Enterprises, Crafts.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA, A AUTOGESTÃO E ARTESANATO.....</b>	<b>11</b>
2.1	COMPREENDENDO O PROCESSO HISTÓRICO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	11
2.2	PROCESSOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL.....	12
2.3	CARACTERÍSTICAS E CONCEITOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	15
2.4	POLÍTICAS PÚBLICAS E A ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	16
2.5	AUTOGESTÃO COMO PILAR DA ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	18
2.6	ARTESANATO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	19
2.7	ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO ALTERNATIVA NA PANDEMIA.....	20
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>23</b>
3.1	MUNICÍPIO DE ESTUDO.....	24
3.2	AMOSTRA E SUJEITOS DA PESQUISA.....	25
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS.....</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES.....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre economia solidária vem se estruturando cada vez mais através de estudos, pesquisas e movimentos socioeconômicos que objetivam destacar a importância desta prática que abrange diversos setores da sociedade. Por ser um aspecto relevante que envolve o trabalho coletivo, onde existem organizações de produções que sofrem mudanças de modo contínuo, se faz necessário analisá-lo no cenário social atual, pois visa a qualidade de vida da população em geral.

Para definir economia solidária, Singer (2002) afirma que esta é o conjunto de experiências coletivas de trabalho, produção, comercialização e crédito, organizada por princípios solidários que aparecem sob diversas formas: cooperativas e associação de produtores, banco comunitários, clubes de troca e diversas organizações populares urbanas e rurais; logo, identifica-se que se desenvolve por meio de forças produtivas que surgem de acordo com a necessidade, na maioria das vezes originada pelo alto índice de desemprego; onde o modo auto gestor é a forma mais utilizada para amenizar essa taxa, assim construindo uma atividade com base nos conceitos dessa economia.

Realizar um estudo com bases empíricas é uma das prerrogativas do presente trabalho, aprofundando sobre o assunto, apresentando conceitos, características e a evolução do movimento solidário na cidade de Sumé – PB, através das atividades desenvolvidas na Casa de Economia Solidária da cidade e da ECOART CARIRI; desde o período da sua inauguração até os dias atuais, tendo em vista que a economia solidária possui uma abrangência na comercialização, finanças, sustentabilidade e cooperativismo, logo a contribuição nesses diversos indicadores pode incentivar no desenvolvimento da cidade.

Tendo em vista que o setor da economia solidária obtém mais desenvoltura em regiões com menos concentração econômica, identifica-se a importância de estudar sobre os espaços solidários existentes nos pequenos centros. Assim, para melhor entender como funciona as atividades econômicas solidárias na cidade de Sumé – Cariri Ocidental Paraibano, surge a seguinte problemática: **Como o município de Sumé – PB pratica atualmente a economia solidária por meio da Casa de Economia Solidária e da ECOART CARIRI?**

O presente trabalho justifica-se por abordar um tema de suma importância de dimensão social, econômica, política e cultural no país. Os Empreendimentos de

Economia Solidária (ESS) são atividades que incentivam e necessitam da formulação de políticas públicas voltadas para as melhorias dessas atividades, sejam elas elaboradas por governos da esfera municipal, estadual ou federal.

Atualmente, ainda existem muitas situações relacionadas a precarização de assistência para as produções autogestionárias de empreendedorismo. O contexto economia solidária é abrangente segundo Singer (2002), constituindo diversos modos de produção, por meio do capitalismo, pequena produção de mercadorias, obtendo uma formação social e capitalista, ou seja, no processo do empreendedorismo solidário são envolvidas diversas áreas de atuação, o modo de aplicar essas atividades varia de acordo com a realidade social onde será inserida, analisando de maneira específica a situação de cada localidade.

Não basta somente criar “espaços” para desenvolver a economia solidária, é necessário a orientação e incentivo por parte da gestão pública, através de planejamentos apresentados nas políticas públicas voltadas para esse tipo de economia. Nesse sentido pode-se identificar que a Casa da Economia Solidária e a ECOART CARIRI são um meio de fortificar a economia solidária da cidade, pois fornece a oportunidade dos artesãos da cidade expor suas produções e comercializar.

Esclarecer os impactos da economia solidária na sociedade deve ser uma prática aplicada frequentemente no meio social, destacar a importância dessa economia e facilitar o acesso da mesma a população como um todo. A partir daí surgem questionamentos se esses processos estão sendo aplicados de fato na Casa da Economia Solidária e da ECOART CARIRI, se a gestão pública da cidade de Sumé está de fato auxiliando nas atividades através de capacitações, exposições e eventos que proporcionem a interação dos autogestionários para com a sociedade.

Portanto, por intermédio dessa pesquisa, será possível o direcionamento de formulação e sistemáticas que permitam a evolução dessa prerrogativa, principalmente para a gestão municipal da cidade de Sumé-PB, que é responsável por capturar as necessidades específicas a serem solucionadas em sua localidade; assim incentivando também a capacitação, qualificação da informação e formação para todos os trabalhadores que possuem empreendimentos econômicos solidários na cidade. No aspecto acadêmico, o estudo será base de novas teorias descobertas e analisadas por meio do trabalho.

A pesquisa tem como objetivo geral avaliar as atividades desenvolvidas na Casa de Economia Solidária de Sumé e na ECOART CARIRI e suas contribuições

sociais e econômicas para o município de Sumé, na Paraíba. Como objetivos específicos, têm-se: Verificar os avanços da Casa da Economia Solidária e da ECOART CARIRI desde sua fundação até os tempos atuais em Sumé-PB; demonstrar o nível de satisfação das empreendedoras com suas próprias produções na Casa da Economia Solidária e da ECOART CARIRI, Identificar as mudanças e medidas que foram tomadas pelas artesãs no período da pandemia do Covid-19, e sugerir melhorias para a gestão da Casa da Economia Solidária e da ECOART CARIRI e seus empreendimentos solidários.

Metodologicamente, este trabalho pode ser classificado em estudo descritivo, exploratório, de natureza quali-quantitativa, através de um estudo de caso, com análise bibliográfica e estudos de campo feitos pela pesquisadora, na Casa de Economia Solidária, em Sumé-Paraíba.

Este trabalho está dividido em: resumo, introdução, fundamentação teórica, procedimentos metodológicos, estudo de caso, análise de dados e discussões dos resultados, conclusão e sugestões, e referências do trabalho.

## **2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA, A AUTOGESTÃO E ARTESANATO**

Adiante, a pesquisa irá explorar conceitos e características gerais sobre a economia solidária, a partir do ponto de vista histórico, apresentando como são aplicados nos processos de atividades solidárias e as ferramentas utilizadas para expansão e crescimento dessa economia que cresce constantemente por meio de negócios auto gestionários, que é o principal meio de viabilizar a economia solidária. Assim, através dos resultados será mostrado como a Casa de Economia Solidária e a ECOART CARIRI em Sumé – Paraíba movimentam essa atividade socioeconômica.

### **2.1 COMPREENDENDO O PROCESSO HISTÓRICO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Muitas vezes o termo economia é entendido como um paradoxo, pois é associado unicamente ao conceito da economia de mercado que propõe o mínimo possível da participação de órgãos governamentais, ou seja, seu padrão de trabalho é por meio de negócios definidos em repartições privadas, com o intuito de organizar a sociedade como um acessório do mercado; uma grande contrapartida em relação a solidariedade.

Quando Rocha (2004) cita que, os economistas clássicos propagaram os “egoísmos” individuais quando livres, entende-se que seguir o modelo de sistema econômico capitalista seria eficiente para alocar a sociedade; não havia espaço para filantropias, através das forças da oferta e procura seria possível o bom funcionamento do sistema social.

Na Revolução Industrial que ocorreu na Europa, na segunda metade do século VXII, se iniciou a Idade Moderna, a sociedade enfrentou grandes transformações e vivenciou uma realidade diferente. Os avanços industriais ocorreram de modo desenfreado, a substituição de ferramentas por máquinas e energia humana em processos de manufatura, assim contribuindo para a consolidação do capitalismo.

Desde esse período até os dias atuais, o capitalismo e a privatização avançam de modo desordenado, e Lima e Seconi (2003) afirmam que é corriqueiro buscar alternativas para sanar os problemas decorridos da organização do trabalho e do modelo de produção atual que vem provocando reações adversas e surgem tais consequências, onde muitos cidadãos não conseguem acompanhar o mercado de

trabalho, e com isso Rocha (2004) afirma também que “ economia com solidariedade tomou visibilidade significativa, numa época em que a hegemonia neoliberal parece irreversível”.

Nesse momento, práticas consideradas solidárias começam a surgir. Segundo Singer (2002), a economia solidária aparece com os operários no início do capitalismo industrial, a expressão reativa dos trabalhadores é formalizar cooperativas e sindicatos, com uma gestão organizada economicamente solidária, em resposta à pobreza e ao desemprego, buscando não somente recuperar o trabalho, mas também a autonomia econômica com princípios básicos de igualdade e democracia.

Ainda para Singer (2002) o propósito da economia solidária é maximizar a quantidade e qualidade do trabalho e não do lucro. A formação social capitalista se constitui em conjunto com o modo de produção estatal de bens e serviços, logo “o capitalismo não só é o maior dos modos de produção, mas molda a superestrutura legal e institucional de acordo com os seus valores e interesses”.

## 2.2 PROCESSOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

Segundo Gaiger (2013), a Economia Solidária é a estratégia de organização de práticas econômicas das populações mais pobres dos países periféricos, fundamentadas no trabalho coletivo e ancoradas nos laços de solidariedade, que orientam a produção para as necessidades coletivas da população. No Brasil, não ocorreu diferente, como estratégia de organização em relação a práticas econômicas, na década de 1980, em um período de crise econômica e alto índice de desemprego, a economia solidária surge como uma alternativa para lidar com os desafios da reestruturação capitalista da época.

De acordo com Silva e Silva (2008), uma diversidade de fatores explica o surgimento da economia solidária no país, entre eles fatores de ordem estrutural, conjuntural e atitudinal, ou seja, práticas associativas através de mobilizações sociais que surgem por meio dos princípios da solidariedade, autogestão e cooperação, que são pilares da economia solidária.

Como pauta de estudo, essa atividade socioeconômica aparece no Brasil pela primeira vez em 1995, em uma mesa redonda intitulada “Formas de combate e de resistência à pobreza”, onde teve lugar no 7º Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Os trabalhos apresentados foram organizados pelo

pesquisador Luiz Inácio Gaiger, em uma coletânea de artigos e publicados em 1996 (LECHAT, 2002).

Como movimento social, aparece no meio rural através da defesa ao cooperativismo. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), hoje o mais importante movimento social do campo no Brasil, inicialmente era contra o modelo de cooperativas para os assentamentos rurais, entretanto, após os debates nos encontros realizados pelos assentados, o movimento organizou, em 1989, um “manual de cooperação agrícola” e iniciou os experimentos de produção cooperada nos assentamentos rurais, a partir dos laboratórios organizacionais (cooperativas de produção autogestionárias), experiência desenvolvida por Clodomir de Moraes, baseando-se nas experiências das Ligas Camponesas (SINGER, 2002).

Essas cooperativas buscavam orientar os assentados em um modelo coletivo de produção que confrontava com os projetos pessoais de cada trabalhador rural, que buscavam na posse do lote sua autonomia frente às relações de produção da grande propriedade rural, logo, as iniciativas solidárias devem visionar o coletivo e não somente o individual; dessa maneira, segundo Singer (2002), com essa situação, o MST adotou outros modelos de cooperativas de comercialização, que preservam a produção individual no lote, mas organiza os trabalhadores na comercialização conjunta dos produtos até os dias atuais.

Com uma vasta experiência de cooperação no meio rural, a economia solidária brasileira é destaque por meio da atuação de movimentos sociais, promovidos pelos empreendimentos solidários de cooperativas. Na pesquisa do Sistema Nacional de Informações sobre a Economia Solidária (SIES), realizada entre 2003 e 2007, revela que a Economia Solidária no Brasil possui em sua maior parte uma fisionomia rural, tendo em vista que 54,9% dos empreendimentos solidários dedicam-se a agricultura, pecuária, pesca ou extrativismo (GAIGER, 2009).

O crescimento dessa prática no país foi repercutindo ano a ano, e no início do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2003 é criada a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), dentro no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), sob o comando do economista Paul Singer, professor da Universidade de São Paulo, e reconhecido teórico-conceitual da temática. A secretaria teve boa Aceitação pelo MTE, ao identificar laços com o movimento operário (SINGER, 2004; SILVA, 2018).

A SENAES avançou na agenda de economia solidária, conforme discorre Shiochet (2012) – ainda em 2003, a Secretaria iniciou o mapeamento nacional da economia solidária e iniciou diálogos interministeriais com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), com projeto de desenvolvimento territorial com base no etnodesenvolvimento, resultando na abordagem territorial do movimento solidário.

Nas palavras de Lima e Carvalho (2020), durante o Plano Plurianual entre 2004-2007 e 2008-2011, por meio da SENAES várias ações foram realizadas fazendo com que a economia solidária do Brasil fosse fortalecida constantemente, sendo a fase em que o país mais destacou-se e promoveu programas e parcerias que beneficiaram os empreendimentos solidários. Mas, a partir de 2012 o número de programas do PPA passou de 400 para 65. O Índice de Execução Orçamentária (IEO) do PPA 2012-2015 foi ainda menor que do PPA anterior: 22,8% contra 41,2% (SILVA, 2018).

Conforme Lima e Carvalho (2020), o quadriênio 2016-2019 foi fortemente atingido por dificuldades políticas e econômicas pelos seguintes acontecimentos: a instituição do Ministério do Trabalho e da Previdência Social em 2015, o impeachment da presidente Dilma Rouseff, a saída de Paul Singer da SENAES em 2016, a perda da condição de secretaria da SENAES para subsecretaria no campo político, e a forte recessão econômica de 2015, com queda de cerca de 8% do produto interno bruto (PIB), desestabilizaram a economia solidária e as demais políticas sociais nacionais.

Desta forma, a dotação orçamentária para o período foi reduzida, assim como as ações da SENAES, reduzidas a um objetivo do programa temático Trabalho Decente e Economia Solidária, definido como “promoção da economia solidária e suas diversas formas organizacionais”. A LOA de 2016 teve decréscimo de 52,2% em relação a do ano de 2015, situação que se agravou em 2017, quando a LOA teve queda de 60,6% em relação ao mesmo ano. Em 2018, a tendência de queda se manteve, com apenas 14,9% dos recursos aprovados em 2015 – o menor valor orçado desde a implantação da economia solidária na agenda governamental (SILVA, 2018).

Segundo Lima e Carvalho (2020), o governo do presidente Jair Bolsonaro, iniciado em 2019, extinguiu o Ministério do Trabalho, e as atribuições referentes à economia solidária foram encaminhadas ao Ministério da Cidadania, limitadas às políticas de assistência social e renda associadas ao conceito de cidadania, e não ao de política de trabalho ou de desenvolvimento nacional. Tendo em vista que essas e

diversas ações relacionadas a este paradigma afetou de modo negativo no desenvolvimento e reconhecimento das atividades econômicas solidárias no país; mesmo o setor movimentando anualmente R\$ 12 bilhões, segundo dados da Agenda Institucional do Cooperativismo, em 2019, o Brasil contava com mais de 6,8 mil cooperativas, responsáveis por 398 mil empregos formais, com base na solidariedade, igualdade e autogestão.

Todavia, será arriscado calcular os danos, uma vez que novamente o Brasil passa por momento de recessão econômica, queda na produção e aumento do desemprego e da informalidade. A dúvida quanto a continuidade das ações de economia solidária enquanto conquista cidadã e o fim desta enquanto ferramenta de inclusão laboral e de desenvolvimento tornam ainda mais profundos os obstáculos que impedem a determinação das capacidades efetivas da economia solidária.

### 2.3 CARACTERÍSTICAS E CONCEITOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Para discutir o termo economia solidária Singer (2003) fala que os princípios básicos dessa economia são a propriedade coletiva do capital e o direito à liberdade individual. Todos os que produzem são uma única classe de trabalhadores na qual todos são possuidores do capital através do trabalho cooperativo. De acordo com Rocha (2004), economia e solidariedade são áreas distintas e nessa prerrogativa devem se tratar do envolvimento simultâneo do negócio (a atividade econômica) e do aspecto organizacional (a organização de trabalhadores).

Para Tiriba (1998), a Economia Solidária, não só é uma possibilidade de gerar emprego e renda, como também representa uma oportunidade de desenvolvimento de uma prática pedagógica formadora de uma sociedade mais justa e solidária. Está baseada também na construção de relações sociais. As práticas da economia solidária são alicerçadas em práticas circulares e inclusivas, baseadas na autogestão, solidariedade, democracia, cooperação, respeito ao meio ambiente, equidade e inclusão, em esforços de ser economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente correta (SILVA et al, 2015; LIMA, 2016; ARAUJO; OLIVEIRA, 2017; FERRARINI et al; 2018).

Como aponta Lima e Carvalho (2020), os empreendimentos da economia solidária (EES), se dividem em dois grupos: 1) associações de produtores individuais ou familiares, onde os membros trabalham em suas terras e realizam variadas ações

e 2) fábricas e outras estruturas de produção. Logo, o primeiro grupo resguarda a autonomia individual ou familiar; participam de assembleias e decidem democraticamente as decisões, todos com direito à voto, num sistema de autogestão. Já o segundo, produz coletivamente, sem ações autônomas de seus sócios, já que toda a produção pertence a todos, com igual repartição de responsabilidade e receitas. Contudo, ambos compartilham da não subordinação à uma autoridade externa ou interna à coletividade.

A economia solidária pode ser uma alternativa resiliente aos períodos de instabilidade do mercado, preservando postos de trabalho e alheia às especulações que maximizam lucros, mas com capacidade real de inserir um país periférico na dinâmica socioeconômica, viabilizando novos modos de relacionar trabalho e distribuição produtiva (ARAUJO; OLIVEIRA, 2017). Conforme Lima e Seconi (2003), a Economia Solidária procura abrigar o trabalhador marginalizado por este sistema, pois ele é incapaz de inserir dentro de si, toda a população economicamente ativa, através de cooperativas autogestionadas, em um modo de produção que ao lado do capitalismo compõe a formação social capitalista.

## 2.4 POLÍTICAS PÚBLICAS E A ECONOMIA SOLIDÁRIA

Para entender o que é uma política pública, Schmidt (2018) fala que na literatura da ciência política há diversas definições, mas sobressai-se um conceito: políticas públicas são respostas do poder público a problemas políticos. Ou seja, as políticas designam iniciativas do Estado (governos e poderes públicos) para atender demandas sociais referentes a problemas políticos de ordem pública ou coletiva.

Para com a economia solidária não é diferente, a sociedade e também o Estado devem estar articulados, no implemento de políticas públicas que promovam a transformação produtiva dinâmica e sustentável, atuando em nível macroeconômico com mecanismos de justiça distributiva, políticas de redistribuição, investimentos públicos e políticas sociais, equidade produtiva e apoio do sistema financeiro ao desenvolvimento (ARAUJO; OLIVEIRA, 2017; FERRARINI et al; 2018; SANTOS, 2018). Aos empreendedores solidários, o Estado pode oferecer assessoria técnica, formação profissional, abertura de créditos, apoio para a implementação de bancos comunitários, fundos rotativos solidários e cooperativas de crédito (SINGER; SCHIOCHET, 2014; LIMA, 2016).

Nos últimos anos, principalmente nos países emergentes, tem crescido os movimentos sociais de empreendimentos econômicos populares e de redes associativas. Este crescimento é tanto quantitativo como qualitativo, e não é apenas o resultado da reação espontânea dos trabalhadores à crise do trabalho assalariado, mas também da ação de agências de fomento a este novo tipo de mecanismo produtivo (TIRIBA,2004). As agências públicas e ONGs – que apostam em uma nova economia moral das multidões e na criação e o fortalecimento de uma economia, cuja cultura do trabalho contrarie a própria lógica do capitalismo, podendo aqui identificar os resultados que as políticas públicas podem impactar, auxiliando no desenvolvimento de ações.

Geralmente, é a partir de pequenos centros que as necessidades são constantemente identificadas e segundo Godoy (2008), a iniciativa de formulação e aplicação de políticas públicas para o empreendedorismo auto gestor tem suas raízes nas administrações municipais, pois são nas pequenas centralizações que o efeito do desemprego e a precarização do trabalho são identificados com maior intensidade. Mesmo que a maioria das realidades surjam no setor municipal, todas as classes de poder têm o papel mediador de prestar suporte e devem ser acionadas para solução desses problemas através de políticas públicas de fomento.

No Brasil as transformações econômicas, tecnológicas e sociais modificam a sociedade contemporânea e originam novas formas de trabalho, modo de vida, comportamento das pessoas e no papel do Estado. Lemos (2011) cita que o papel mediador que o Estado possui não pode ser desconsiderado nesse cenário de mudanças. Entre as novas obrigações que se impõe ao Estado essa é de adotar políticas públicas que favoreçam aos negócios de forma a criar condições estruturais de competitividade em escala global.

Promover projetos e espaços que execute formações e qualificações para os empreendedores solidários podem ser identificadas como políticas públicas. De acordo com Lima e Carvalho (2020) em seu estudo sobre a economia solidária brasileira identificam que a SENAES quando existia, promoveu várias campanhas e convênios, incluindo na agenda do governo a institucionalização da relação com a sociedade civil, iniciou ações de qualificação social e profissional, realizou a primeira Feira Nacional de Economia Solidária e lançou o Atlas da Economia Solidária no Brasil. Ainda, abriu debates sobre a territorialidade com programas de desenvolvimento locais associados à economia solidária.

## 2.5 AUTOGESTÃO COMO PILAR DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Para Neto (2005), a autogestão é uma palavra que vem tendo uma maior divulgação, a partir da década de 1960, por meio de grupos de estudos, sindicatos, partidos e organizações-não governamentais, devido ao avanço tecnológico trazido pelo capitalismo, causando diferenciadas formas de reação ao desemprego. Sindicatos e cooperativas foram as expressões reativas dos trabalhadores após o marco histórico da revolução industrial.

De acordo com Motta (1981), a sociedade autogestionária é a sociedade organicamente autônoma, constituída com várias autonomias de grupos se auto administrando, cuja vida exige a coordenação, mas não a hierarquização. Quando Silva (2015) fala que, as ações realizadas na autogestão é uma maneira de expandir a economia solidária que é uma forma de gestão sem hierarquia de cargos, sem individualização dos ganhos, exploração do trabalho, minimização da valorização do trabalhador, mas sim com as sobras divididas por todos, com a divisão das tarefas; pode-se identificar que essa economia vem ganhando espaço cada vez mais de modo criativo e estratégico, já que as pessoas buscam comercializar produtos produzidos por elas mesmas para obter alguma renda, fortificando os empreendimentos solidários.

Segundo Singer e Souza (2000), a autogestão pode ser compreendida, como uma forma de promoção da democracia em instituições sociais em que trabalhadores são os sócios e os sócios são os trabalhadores e o trabalho desenvolvido nessa modalidade afasta a alienação de domínio social, prezando pela liberdade humana e a igualdade das pessoas, independente da classe social que estão inseridas. Outra questão necessária de ser discutida é a mal interpretação do termo autogestão. Ainda confirme os autores, vai além da ideia de uma empresa, pois se assemelha a uma família marcada por laços afetivos, além de ser uma organização social de orientação ideológica. Não deve ser associado somente como tentativa de solução para problemas de crise capital.

Conforme Silva (2015), a autogestão nos empreendimentos considerados solidários visa à melhoria de sua gestão, pois contempla conceitos e práticas democráticas, anticapitalistas, que objetivam de fato unir os trabalhadores em prol de objetivos comuns. Desse modo, essa modalidade preza pela qualidade e viabilidade da produção e pela libertação do trabalhador frente ao desemprego.

Por vezes, observa-se a grande evasão dos trabalhadores em atividades de empreendimentos solidários pelo fato de não gerar rendimentos formais, como por exemplo os direitos trabalhistas. Com isso, Silva (2015) cita que concorrer com um mercado capitalista e suas formalidades é bastante complicado para a Economia Solidária, que só tem como garantia os seus fundamentos humanos e sociais. Vale salientar que realmente existem grandes desafios para desenvolver essa prática, e muitas vezes acontece a falta de apoio dos gestores públicos, por meio da formulação de políticas públicas de fomento e incentivo de práticas para a consolidação das organizações solidárias, tendo em vista que são os principais atores sociais para executar esse tipo de ação.

## 2.6 ARTESANATO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA

Como aponta Lemos (2011), a globalização da economia é o processo através do qual se expande o mercado e onde as fronteiras nacionais parecem mesmo desaparecer, por vezes, nesse movimento de expansão. Com isso se faz necessário organizar novas formas de articular o desenvolvimento socioeconômico. Trata-se, pois, de buscar aumentos cada vez maiores nas condições de concorrência e de ampliar ao máximo o mercado. As peças artesanais passaram a ser produzidas em escala com a inclusão de equipamentos modernos. Entender as razões para que estes processos tenham se desenvolvido paralelamente à globalização, é uma questão que merece atenção.

Segundo Lemos (2011), falar de artesanato, ou antes, apresentar uma única definição é, senão impossível, problemático, na medida em que nos remete para diferentes saberes e referentes culturais. Faz parte do imaginário coletivo pensar o artesanato como expressão de tradições populares regionais, associando-o à arte popular, pelo que muitas vezes ouvimos designá-lo como “arte menor”. Esta concepção restrita vem se moldando com o passar do tempo em que o critério de criação artística assume um papel importante, flexibilizando-se as fronteiras entre arte e artesanato.

De acordo com Lemos (2011), em países desenvolvidos, as atividades artesanais geram, normalmente, produtos de qualidade superior e de alto valor agregado, contribuindo fortemente para o crescimento econômico e para o bem-estar social de inúmeras pessoas; ou seja, a sociedade contemporânea origina novas

formas de trabalho através da autogestão, o que traz a importância de abordar e estudar esse modo de produção que visa ampliar o mercado solidário, promovendo geração de renda, além de uma boa qualidade de vida aos seus usuários.

A produção artesanal é uma atividade de referência no universo da economia solidária tornando-se um mecanismo da autogestão, antes o que era visto apenas como uma pequena produção, hoje é referência no mercado. Por isso Lemos (2011) fala que partindo do pressuposto de que o mundo do trabalho, na atualidade, se cerca com menores possibilidades de emprego formal, principalmente para aqueles sem uma qualificação, se faz necessário pensar em opções de inserção da população economicamente ativa.

## 2.7 ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO ALTERNATIVA NA PANDEMIA

Em decorrência da pandemia do novo coronavírus, o mundo enfrenta uma grande crise econômica, social e sanitária. Nesse período é possível observar a fragilidade do mercado de trabalho onde a maioria dos trabalhadores não têm acesso aos seus direitos trabalhistas, ou seja, não estão assegurados e as empresas não conseguem se manter financeiramente. De acordo com Souza e Junior (2020), por causa da pandemia mais de 520 mil empresas encerraram suas atividades e 62,4% dos mais de 4 milhões de empreendimentos viram suas atividades impactadas pelas medidas de contenção do vírus. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Ministério da Economia, 15% das empresas reduziram postos de trabalho e mais de 1,4 milhão delas suspendendo e ou reduzindo jornada e salário de cerca de 9,5 milhões trabalhadores.

Diante deste cenário, a economia solidária é utilizada como uma iniciativa para buscar suprir ou até mesmo amenizar os declínios causados na economia e no desenvolvimento social. Ela abrange cooperativas - rurais e urbanas - empresas recuperadas ou em reabilitação de processos falimentares, pequenos empreendimentos associativos (pré-cooperativas), bancos comunitários e associações locais de troca de mercadorias e serviços mediante o uso de uma moeda social própria (SINGER; SOUZA, 2000; SINGER, 2002; CATTANI, 2003).

Segundo Souza e Júnior (2022), conforme o mapeamento realizado até 2013, no Brasil, a maioria dos empreendimentos encontrava-se na região Nordeste (40,8%), sendo que a maioria (54,8%) se situava na zona rural. No que se refere aos setores,

56,2% eram unidades de produção e comercialização e 20,1% organizavam o consumo e o uso coletivo de bens e serviços.

A desigualdade social é um dos indicadores da avassaladora crise econômica em face da pandemia do coronavírus no país. De acordo com Souza e Junior (2020), a mobilização dos movimentos sociais e sindicais, bem como as organizações da sociedade civil e os partidos de esquerda, levou o Congresso Nacional a aprovar em abril de 2020 um auxílio emergencial para mais de 60 milhões de pessoas e continua ativo até o ano atual.

Tendo em vista que essa fonte de renda é mínima e básica, conforme cita Souza e Júnior (2020), além de permitir que as pessoas se livrem da sujeição ao trabalho, reforça a liberdade delas para optarem não por um emprego assalariado, mas sim pela composição de um empreendimento de economia solidária, necessariamente pautado pela autogestão.

Para que muitos empreendimentos solidários sejam criados e se mantenham em funcionamento é necessário ocorrer diversas ações, algumas delas sendo: o investimento público através dos órgãos municipais, estaduais e federais e em seguida políticas públicas de fomento voltadas para essa temática. Como aponta Souza e Júnior (2020), é válido lembrar que a relação dos empreendimentos organizados a partir do ideal auto gestor com o poder público, muitas vezes, foi e deve ser realmente mediada por fóruns: locais, regionais e também nacional de economia solidária, através de conselhos de representação, previstos por governos democráticos.

De acordo com Dagnino (2020), as chamadas compras públicas, feitas por órgãos de governos nas três esferas de poder, têm um grande potencial de alavancar a economia solidária, como parte de uma política mais ampla que abranja todas as regiões do território nacional, e identifique as localidades que estejam em situações de vulnerabilidade social, e precise desse aparato para resolver os problemas públicos, que são responsabilidade deles sanar.

Conforme publicado no site “ Rede de gestores de políticas públicas de economia solidária”, no dia 16 de dezembro de 2021, foi aprovada em primeiro turno a PEC 69/2019, apresentada pelo senador da Bahia, Jaques Wagner, que inclui a economia solidária entre os princípios de Ordem Econômica da Carta Magna. A PEC 69/2019 segue para votação em segundo turno no Plenário do Senado.

Como se vê, a economia solidária, devidamente apoiada pelos gestores público e articulada pela sociedade civil, tem um potencial expressivo, não só de resposta à crise do emprego decorrida da pandemia, mas de ser uma importante base para outro tipo de desenvolvimento socioeconômico.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando que o objeto de estudo é a avaliação das atividades da Casa de Economia Solidária do Cariri e da ECOART CARIRI, e seu impacto socioeconômico para o desenvolvimento social da cidade, e ainda se levando em conta a natureza do problema, optou-se por realizar uma pesquisa de estudo descritivo, exploratório, de natureza quali-quantitativa, a partir da utilização do método estudo de caso, escolhido em função da possibilidade de investigação do fenômeno a ser estudado.

No que se refere ao estudo descritivo que “pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVINÕS, 1987, p. 110); o presente trabalho buscou tratar de uma temática relevante para o desenvolvimento socioeconômico e analisar a realidade da prática da economia solidária no município, mais precisamente da Casa da Economia Solidária e da ECOART CARIRI que são dois polos de centralização que organizam e estruturam atividades socioeconômicas solidárias no município. Logo, a casa da Economia Solidária foi fundada primeiro com apoio do governo da Paraíba e iniciativa dos gestores municipais em buscar essa parceria e com alguns anos a ECOART CARIRI surge para reforçar e expandir o desenvolvimento dessas atividades e ações no Shopping Sumé, que reúne artesões da cidade e região, podendo ser considerado o Centro de Artesanato da cidade.

Segundo Hartley (1994), o estudo de caso consiste em uma investigação detalhada de uma ou mais organizações, ou grupos dentro de uma organização, com vistas a prover uma análise do contexto e dos processos envolvidos no fenômeno em estudo. O fenômeno não está isolado de seu contexto (como nas pesquisas de laboratório), já que o interesse do pesquisador é justamente essa relação entre o fenômeno e seu contexto.

De acordo com Knechtel (2014), a modalidade de pesquisa quali-quantitativa interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica).

Assim, o método utilizado para a coleta das informações foi através da aplicação de questionário. O universo são 20 artesãs e foi utilizada uma amostra de 40% dessas artesãs, ou seja, 08 (oito) artesãs. Dessa amostra, 75% (06 mulheres) foi aplicada na Casa da Cidadania por meio da entrevista e 25% (02 mulheres) através

do Google Formulário, logo, foi o link através do Whatsapp. O questionário foi elaborado com 21 (vinte e uma) questões, sendo 08 (oito) dissertativas e (13) discursivas. Os questionários e entrevistas foram aplicados no mês de agosto, entre os dias 11 e 20.

Todas as respostas foram observadas e analisadas pela pesquisadora, e assim se obteve os resultados alcançados para estudar sobre as atividades da economia solidária, desenvolvidas na Casa da Economia Solidária e na ECOART CARIRI no município de Sumé e seus respectivos impactos.

O presente trabalho contém levantamento bibliográfico por meio de artigos científicos e livros de importantes autores, obtendo embasamento teórico que apresenta relevantes conceitos e definições sobre a economia solidária e suas características; assim aperfeiçoando o trabalho, permitindo que obtenha um excelente conteúdo científico.

O trabalho utiliza obras de autores indispensáveis para entender a dinâmica da economia solidária e que contribuíram de forma significativa para desenvolvimento de seu arcabouço teórico, dentre os quais pode-se destacar: Paul Singer (2002); Luiz Inácio Gaiger (2003), Shiochet (2012); Lima e Carvalho (2020); Silva (2015).

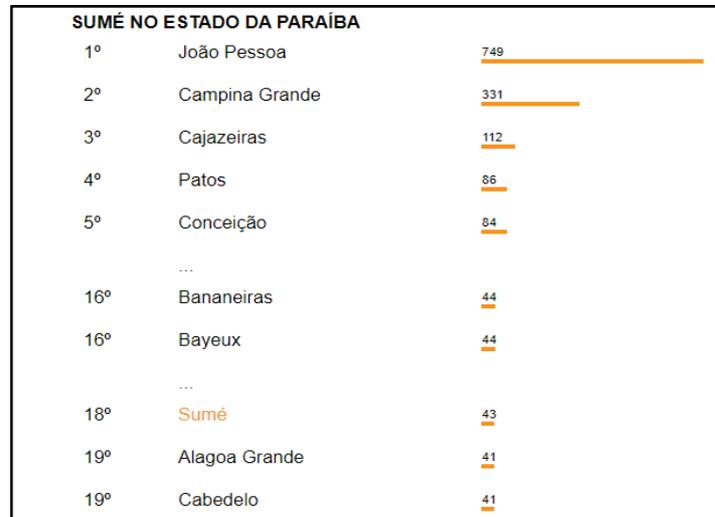
### 3.1 MUNICÍPIO DE ESTUDO

O presente estudo de caso foi realizado no município de Sumé – PB, que se localiza na microrregião do Cariri Ocidental, e está a 250 km da sua capital, João Pessoa. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em seu último censo no ano de 2010, Sumé contava com uma população estimada 16.060 pessoas, e em 2021 uma estimativa de 17.096 pessoas. Ainda de acordo com o IBGE, Sumé tem uma área territorial de aproximadamente 834 km<sup>2</sup>; é o segundo maior município do Cariri Ocidental paraibano e representando 1,53% da área do Estado. Seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM, 2010) era 0,627.

Em 2020, o salário médio mensal era de 1.7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 9.7%, que implica em 1.647 pessoas ocupadas. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 47.6% da população nessas condições. O Produto Interno Bruto (PIB), em 2019 era R\$ 10.886,70.

A seguir, a Figura 1 apresenta a quantidade de fundações sem fins lucrativos no município de Sumé até o ano de 2016.

**Figura 1** - Número de unidades locais / Fundações privadas e associações sem fins lucrativos



Fonte: IBGE (2017).

Fundações sem fins lucrativos são espaços fundamentais para a expansão e prática da economia solidária, bem como para o desenvolvimento socioeconômico do município. As unidades destacadas na imagem 01 resumem-se em associações e cooperativas (iniciativas que reúnem pessoas com único objetivo, gerar benefícios para os associados e cooperados) que são frequentes na zona rural como também na zona urbana do município, sendo que Sumé está em 18º lugar no período de 2010 a 2016. As atividades desses espaços são desenvolvidas na maioria das vezes por meio da agricultura familiar e o artesanato.

A casa da economia solidária e sua unidade ECOART CARIRI se enquadram nessa estimativa, pois de acordo com a entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo, em 2011 já havia o projeto por parte do governo municipal de ceder um espaço para a exposição dos produtos confeccionados pelos artesãos e mesmo antes disso, a casa da economia solidária já funcionava em outra localidade.

### 3.2 AMOSTRA E SUJEITOS DA PESQUISA

Atualmente, a Casa da Economia Solidária e sua unidade ECOART CARIRI contam com uma estimativa de 20 (vinte) empreendimentos econômicos solidários. A

pesquisadora conseguiu alcançar 40% das empreendedoras, 08 (oito) para aplicar os questionários; tendo em vista que não foi possível alcançar nenhuma pessoa do gênero masculino, como apresenta o Quadro 1: O fato de não entrevistar empreendedores no gênero masculino se deu pelo fato de só ter 1, e o mesmo não estava disponível no período da pesquisa para responder ao questionário.

**Quadro 1** - Perfil dos participantes da pesquisa

VARIÁVEL	CATEGORIA	EMPREENDEDORES
Gênero	Masculino	0
	Feminino	8
Faixa Etária	18 a 25	1
	26 a 35	0
	36 a 45	5
	46 a 60	2
Grau de Escolaridade	Fundamental	0
	Médio	8
	Superior	0
Estado Civil	Solteiro (a)	1
	Casado (a)	6
	Divorciado (a)	0
	Viúvo (a)	1
Renda Mensal	½ salário mínimo	1
	1 salário mínimo	6
	Mais de 1 salário mínimo	1

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quanto a variável referente à faixa etária, nota-se que existe uma variada escala entre as idades das empreendedoras solidárias, onde a maioria tem entre 36 e 45 anos, equivalente a 55% (05 empreendedoras) ao total da amostra coletada. Nas demais faixas etárias, foi possível obter os percentuais de 10% e 35%; as respectivas faixas de 18 e 25 e 46 e 60 anos. O questionamento a ser levantado nesse indicador é a falta participação dos jovens nas atividades referentes à economia solidária, tendo em vista que é uma faixa etária de pessoas mais inovadoras, ou seja, são mais aptos a utilizar as redes sociais, por exemplo, e podem construir ideias para melhor expandir e publicar os trabalhos feitos na casa da economia solidária e sua unidade, a ECOART CARIRI.

Outro dado coletado e exposto no quadro, é o grau de escolaridade das empreendedoras; confirma-se o percentual de 100% (08 empreendedoras) no ensino médio. Vale ressaltar que, o grau de escolaridade não indica o potencial das

empreendedoras participarem dos trabalhos solidários, tendo em vista que essa é uma prática socioeconômica e pode ser praticada por pessoas de qualquer grau de ensino; logo, a economia solidária tem a inclusão social como um dos seus fatores.

Ainda referente ao perfil dos participantes da pesquisa, foi coletado o dado da renda mensal das empreendedoras. Como o presente trabalho trata de uma temática que envolve renda, mesmo que seja sem fins lucrativos, é significativo ter uma estimativa em relação a esse indicador. Sendo assim, 80% (06 empreendedoras) tem 1 salário mínimo como renda mensal, 10% mais de um salário mínimo e os outros 10%,  $\frac{1}{2}$  salário mínimo. No que tange sobre renda, é perceptível que a maioria tem a autogestão como opção para buscar obter uma renda extra; conforme também mostra o quadro 01, 80% (06 seis) das empreendedoras são casadas e se sabe que o país vem passando por uma fase econômica crítica, logo, um salário mínimo é pouco para sustentar uma família, assim a economia solidária é um meio para auxiliar essa circunstância.

Para prosseguir a pesquisa, a autora buscou identificar os motivos e circunstâncias na qual as empreendedoras solidárias encontram para fazer parte da casa da economia solidária e sua unidade ECOART CARIRI. De modo mais objetivo, as informações estão organizadas na próxima seção por meio de quadros, gráficos e discussões.

#### 4 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

As experiências coletivas expostas nesta seção irão mostrar como é a vivência diariamente na Casa da Economia Solidária e sua unidade ECOART CARIRI. A proposta de pessoas envolvidas com empreendimentos econômicos solidários é executar seus princípios e de acordo com Silva e Silva (2008), sua proposta é uma atividade econômica e social enraizada no seu contexto mais imediato, que possa auxiliar nas sociedades mais debilitadas de políticas públicas, assim visando o desenvolvimento local como marco de referência; oferecendo oportunidades a população de inclusão social e geração de renda através de empreendimentos econômicos solidários (EES).

Assim, o quadro 02, mostra de fato quais os motivos para esses empreendimentos na casa da economia solidária e na ECOART CARIRI continuarem se desenvolvendo:

**Quadro 2** - Qual a motivação para participar do grupo de atividades da casa de economia solidária e a ecoart cariri?

<b>EMPREENDEDORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Empreendedora 01</b>	<i>“Fazer parte do grupo de artesanato de mulheres da cidade”.</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>“Porque gosto de confeccionar e expor”.</i>
<b>Empreendedora 03</b>	<i>“Eu já participava da presidência de uma associação com mulheres. Através de movimentos de mulheres, foi importante para estar aqui, e vendemos mais para fora do que no nosso município, então isso me motiva estar aqui, movimentar a cidade”.</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>“Ter um local físico para colocar os produtos”.</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>“Dá um pouco mais de visibilidade ao meu trabalho, sem precisar arcar com gastos extras”.</i>
<b>Empreendedora 06</b>	<i>“ Participar de um grupo que confecciona vários tipos de produtos através do artesanato”.</i>
<b>Empreendedora 07</b>	<i>“Aumentar minhas vendas”.</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>“Vender mais meus artesanatos”.</i>

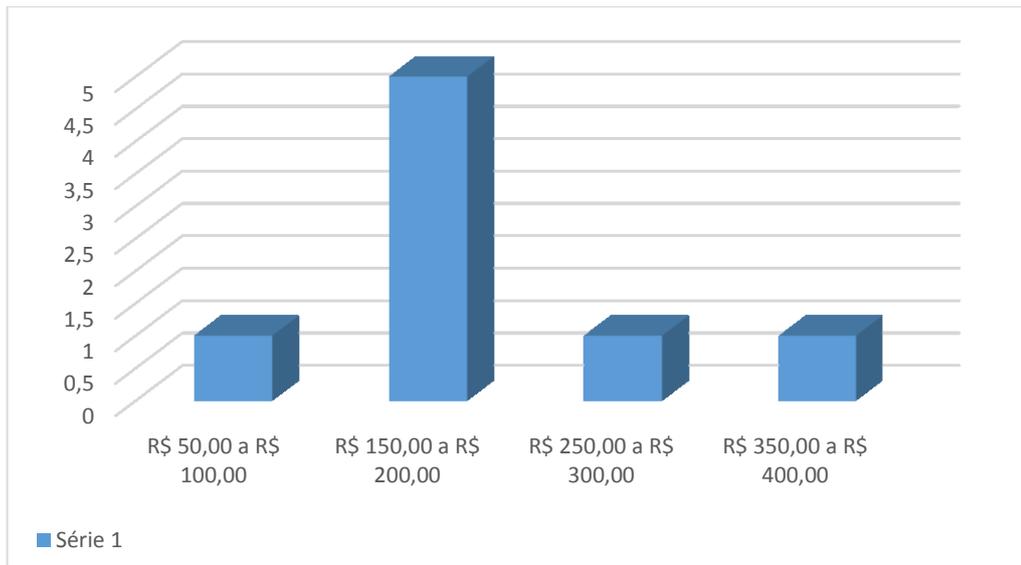
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Durante a pesquisa, para melhor compreender as metodologias e práticas coletivas entre as artesãs do local de estudo, foram acompanhados os dois espaços, o primeiro que se localiza à frente do mercado público da cidade e o espaço da ECOART CARIRI, no shopping de Sumé, uma localidade mais central. De acordo com o exposto no quadro 02, são diversas as motivações para a participação nos trabalhos desses espaços solidários. Dentre elas, se pode destacar o aumento das vendas dos produtos confeccionados pelas artesãs; mesmo cada empreendedora respondendo com palavras diferentes, os sentidos das respostas são mais voltados para o impulso da visibilidade dos seus trabalhos para as pessoas do município e todas as que visitam os dois espaços de exposição dos artesanatos. Desse modo, é verídico que os empreendimentos econômicos solidários são locais que podem proporcionar a valorização social do trabalho humano.

Segundo Amorim (2010), a economia solidária se caracteriza por uma série de iniciativas de geração de renda através de coletivos trabalhos de diversas naturezas e formas de organização inspiradas em valores de cooperação, democracia e reciprocidade e sendo assim, os objetivos e motivações dessas empreendedoras seguem na linha de pensamento correta; defendendo os princípios da solidariedade e autogestão.

Pelo fato da empreendedora 03 já ter uma experiência em associação, a visão dela pode ser mais aguçada e isto pode contribuir cotidianamente para o desenvolvimento da casa da economia solidária e na ECOART CARIRI; juntamente com as ideias e motivações das outras empreendedoras.

Os rendimentos econômicos dos trabalhos desses empreendimentos também foram questionados às empreendedoras e o gráfico 01 trata de uma estimativa de valores mensais que cada pode chegar a receber.

**Gráfico 1 - Qual a renda obtida na ecoart por mês?**

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Com os valores expostos no Gráfico 1, identifica-se que a renda mensal não é de fato tão alta, pois entre as 08 empreendedoras entrevistadas, somente uma recebe o valor entre R\$ 350,00 e R\$ 400,00 por mês. Essa estimativa de valores atende a necessidade das empreendedoras que estão nesses empreendimentos econômicos solidários com algum intuito de obter uma renda extra, além de expor os produtos confeccionados por elas mesmo. Cinco das empreendedoras entrevistadas recebem entre R\$ 150,00 e R\$200,00, sendo esta a maior escala conforme mostra o gráfico 01.

Conforme cita Amorim (2010), os empreendimentos solidários têm o objetivo de produzir, consumir ou ofertar/ obter crédito sobre outras bases, distintas das que aparecem na economia de mercado, ou seja, o modo de trabalho econômico solidário não visa valores exorbitantes, seu intuito é proporcionar modos de produção que colocam o ser humano como o sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza.

Também é necessário observar por meio dos dados do gráfico 01 que as empreendedoras não estão participando das atividades da casa da economia solidária e da ECOART CARIRI por dinheiro, pois o retorno financeiro não é alto e mesmo assim continuam participando cotidianamente dos movimentos e durante um período de tempo considerável, conforme mostra o Quadro 3. A divisão dos lucros é realizada

de acordo com a venda do produto confeccionado por cada artesã, ou seja, cada empreendedora tem seu retorno financeiro de acordo com o seu produto.

**Quadro 3 - Há quanto tempo você participa das atividades?**

<b>EMPREENDEADORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Empreendedora 01</b>	<i>"1 ano e 4 meses. "</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>"3 anos. "</i>
<b>Empreendedora 03</b>	<i>"3 anos. "</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>"Quase dois anos. "</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>"3 anos. "</i>
<b>Empreendedora 06</b>	<i>"2 anos e meio. "</i>
<b>Empreendedora 07</b>	<i>"1 anos. "</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>"2 anos. "</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O tempo que as empreendedoras participam dos trabalhos e movimentos dos espaços de estudo dessa pesquisa é significativo, tendo em vista que a grande maioria tem a responsabilidade de conciliar e organizar seu tempo para a família; produzir os produtos de artesanato; trabalhar; ficar na casa da economia solidária e na ECOART uma vez por semana e participar de algum evento quando se é o caso, para a exposição de todos os produtos confeccionados por todas elas, que é uma diversidade de tipos de artesanatos.

Mediante a pesquisa de campo, a autora considera que já existe uma grande variedade de tipos de artesanato na casa da economia solidária e na ECOART, apesar dos espaços não serem tão extensos, os produtos que já são confeccionados chamam bastante atenção de todos que visitam, além de todos os produtos terem utilidade, como é apresentado no Quadro 4.

**Quadro 4 - Qual ou quais produtos você confecciona**

<b>EMPREENDEADORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Empreendedora 01</b>	<i>"Havaianas Customizadas. "</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>"MDF, panos de copas, terços de acrílico".</i>
<b>Empreendedora 03</b>	<i>"Brinco, crochê, fuxico, colar, bolsa, almofada, produtos de eva. "</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>"Variáveis artesanatos. "</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>"Biscuit, peças em resina e licores. "</i>

<b>Empreendedora 06</b>	<i>“Produtos de couro.”</i>
<b>Empreendedora 07</b>	<i>“Renascença.”</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>“Vários produtos.”</i>

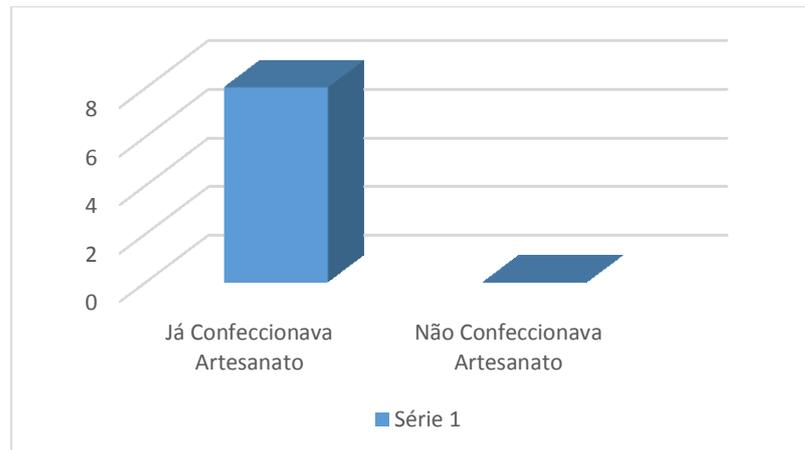
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Diante as respostas do Quadro 4, percebe-se a quantidade e variedade de produtos que são produzidos para os espaços solidários e a importância do artesanato para essa atividade socioeconômica. De acordo com Pinho (2002), a construção de um novo conceito de artesanato toma por base os indesejáveis índices de desemprego, e busca, na equação estratégica, a oportunidade de abrir mercados aos artesãos, considerando-os como agentes de ação, elementos fundamentais para o crescimento desse setor econômico com tanto potencial de desenvolvimento. O artesanato é um agente de grande potencial para o desenvolvimento da economia solidária.

Figueira (2017) afirma, é necessário ressaltar não só apenas a condição econômica que se destaca nos usos mercadológicos da produção criativa do artesanato, mas também a proposta de valorização das artes manuais e criatividade que tendem a gerar além do empreendedorismo, individual ou coletivo, uma valorização pessoal, um sentimento de pertencimento, a elevação da autoestima e o desenvolvimento de orgulho diante das próprias capacidades criadoras, ou seja, utilizar do seu próprio conhecimento e ideias para colocar em prática a autogestão, que é uma das principais características da economia solidária.

Além de confeccionar os artesanatos algumas artesãs tem a profissão de: encarregada, dona de casa, técnica de enfermagem e recepcionista. Logo, devem conciliar seu tempo para produzir, estar na casa da economia e na ECOART CARIRI, além de ir trabalhar.

Através das práticas solidárias é possível sempre impulsionar a movimentação do comércio artesanal, e assim acreditam as artesãs da casa da economia solidaria e a ECOART CARIRI, conforme mostra o Gráfico 2.

**Gráfico 2** - Antes de participar da ecoart, você já confeccionava artesanato?

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Conforme mostra o Gráfico 2, 100% das empreendedoras da amostra da pesquisa, antes de participarem da casa da economia solidária e da ECOART CARIRI, já confeccionavam seus artesanatos. Assim, é verídico afirmar que a economia solidária contribui ativamente na construção de um modelo de desenvolvimento socioeconômico para o município.

Nos empreendimentos econômicos solidários, é possível adquirir diversos conhecimentos, pelo fato de serem espaços coletivos, com partilha de informações e que buscam uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza e os valores da cooperação e da solidariedade. Conforme publicou o fórum brasileiro de economia solidária, ela busca outra qualidade de vida e de consumo, e isto requer a solidariedade entre os cidadãos do centro e os da periferia do sistema mundial.

A realidade vivenciada na casa da economia solidária e na ECOART CARIRI segue esses fundamentos, por meio das respostas do questionamento a seguir, é possível comprovar.

**Quadro 5** - O que você já aprendeu durante esse tempo na ecoart?

EMPREENDEDORAS	RESPOSTAS
<b>Empreendedora 01</b>	<i>“Ser mais solidária.”</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>“Cooperativismo, aprender com o outro a dividir e saber vender o produto do outro, ter cuidado com o produto do próximo.”</i>

<b>Empreendedora 03</b>	<i>“Nos renovamos, aprendi a conviver com outras pessoas, consegui aprender confeccionar outros produtos. ”</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>“Muitas coisas, por exemplo; ser solidária umas com as outras. ”</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>“Aprendi a trabalhar em coletivo. ”</i>
<b>Empreendedora 06</b>	<i>“ Ser solidária. ”</i>
<b>Empreendedora 07</b>	<i>“ Trabalhar em conjunto. ”</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>“ Várias coisas, entre elas, ser solidária. ”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

No Quadro 5, as empreendedoras expõem de modo positivo a questão da solidariedade, todas conseguem identificar a solidariedade como um fundamento indispensável para vivenciar nos empreendimentos econômicos solidários, e o mais importante, aprendem com essa coletividade a serem mais compreensíveis com o próximo.

Segundo Amorim (2010), no que se refere às experiências de economia solidária, pode-se afirmar que as categorias de solidariedade e autogestão, além de se constituírem em elemento chave para a compreensão do fenômeno, inspiram as experiências e complementam o significado da expressão, e nesse sentido a qualidade de vida também se faz presente nessas experiências, o que é de suma importância para o avanço dos empreendimentos econômicos solidários, servindo de espelho para outros, sempre praticando a solidariedade entre os cidadãos.

Prosseguindo com a análise dos dados, foi questionado sobre apoio e incentivo, pois se sabe que todos os empreendimentos sejam eles no ramo solidário ou não, precisam de parcerias, sejam elas no ramo econômico ou social, para que se consolide ao longo do tempo. No que tange os empreendimentos econômicos solidários, foi significativo averiguar o dado a seguir.

**Quadro 6** - Desde quando você participa da ecoart, houve o incentivo de alguma repartição pública no engajamento das atividades, seja ele financeiro ou não?

<b>EMPREENDEADORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Empreendedora 01</b>	<i>“Não. ”</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>“Somente de associações, onde meu esposo é associado e por intermédio dele, procurei a casa da economia solidária e a ECOART CARIRI. ”</i>
<b>Empreendedora 03</b>	<i>“Já estávamos no movimento da casa da economia solidária; em 2011 tinha o projeto do governo municipal de ceder</i>

	<i>um espaço. Depois o governo municipal concedeu um espaço no shopping. ”</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>“Quando comecei não, mas hoje sim. ”</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>“Teve sim. ”</i>
<b>Empreendedora 06</b>	<i>“ Cedendo espaços para a exposição no São João. ”</i>
<b>Empreendedora 07</b>	<i>“Sim. ”</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>“Não. ”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Como já citado no referencial teórico do presente trabalho, o apoio dos governos é fundamental para os empreendimentos econômicos solidários, por meio de atividades desenvolvidas nas instituições ou através de políticas públicas de fomento, que é o principal meio para os governos apoiarem os empreendimentos. A influência das três esferas de poder (municipal, estadual e federal) é de grande importância para a organização dos empreendimentos solidários, no caso da ECOART CARIRI e da Casa da Economia Solidária não existe de modo satisfatório essa participação, obtendo um pouco de incentivo somente por parte do governo municipal em algumas ocasiões que serão citadas no decorrer das análises.

Para Santos, Leite e Fonseca (2014) o fomento do empreendedorismo, além da formalização, da desburocratização e da capacitação, é preciso formular e executar corretamente um conjunto de políticas públicas, diretas e indiretas, que afetam os empreendedores, estimulando programas de incentivos para os trabalhos dos empreendimentos.

No que se refere a casa de economia solidária e a ECOART CARIRI, por meio do dado exposto no Quadro 6, as respostas são um pouco divergentes e nenhuma citou uma ação de fomento para os empreendimentos econômicos solidários da casa, a não ser quando cedeu o espaço para a unidade da ECOART CARIRI no shopping Sumé. As empreendedoras que responderam sim, citaram esse mesmo motivo do espaço. Logo, identifica-se que os governos e instituições públicas da região devem buscar mais na economia solidária do município, por meio da casa da economia solidária e ECOART CARIRI, pelo fato de serem os principais espaços que promovem essa atividade socioeconômico na cidade.

Tendo em vista que para manter um empreendimento (seja ele solidário ou não), é necessário ter um bom planejamento e organização; os desafios enfrentados

podem ser frequentes, assim, foi realizado mais um questionamento para a elaboração dessa pesquisa.

**Quadro 7 - QUAIS OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA AMPLIAR AS ATIVIDADES NA ECOART?**

<b>EMPREENDEDORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Empreendedora 01</b>	<i>“A falta de apoio da prefeitura municipal da cidade. ”</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>“O tempo, porque trabalho não tenho a disponibilidade de estar lá sempre. ”</i>
<b>Empreendedora 03</b>	<i>“Até hoje não enfrentei nenhum desafio. ”</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>“O conhecimento das pessoas, mesmo divulgando as pessoas não reconhecem nosso trabalho e nossa luta. ”</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>“Trabalhar em grupo, pois são muitas cabeças pensantes e também a falta de reconhecimento da população. ”</i>
<b>Empreendedora 06</b>	<i>“Falta de apoio dos governos. ”</i>
<b>Empreendedora 07</b>	<i>“Aprender a trabalhar em grupo. ”</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>“A falta de incentivo da prefeitura. ”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Como mostra o Quadro 7, diversos desafios são considerados como impedimentos para o avanço das atividades da casa da economia solidária e a ECOART CARIRI, e mais uma vez a “falta de apoio e incentivo da prefeitura” aparecem com certa frequência. Outro desafio é a falta de tempo de confeccionar os artesanatos, por serem empreendedoras que trabalham em outras funções. A questão de trabalhar em grupo também é um ponto, mas como já foi visto nessa análise e em questões anteriores, o grupo das empreendedoras estão aprendendo a praticar a solidariedade em suas convivências.

De acordo com Amorim (2010), a maior parte dos empreendedores solidários também enfrentam dificuldades de se colocar num papel protagonista, diferente daquele que vivenciou durante a vida. Exercer a autogestão é uma tarefa que requer um certo conhecimento em diversos aspectos, tais como econômico e social, portanto, esse também pode ser considerado um desafio enfrentado, apesar dos trabalhos

continuarem ativos no espaço, as empreendedoras já têm uma noção de aprendizados.

Além desse aprendizado, outros também foram identificados entre as empreendedoras, apesar dos desafios; as pessoas que fazem a casa da economia solidária e a ECOART CARIRI já adquiriram algumas experiências.

**Quadro 8 - OCORRERAM MUDANÇAS EM SUA VIDA APÓS VOCÊ PARTICIPAR DA ECOART? SE SIM, QUAIS?**

<b>EMPREENDEDORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Empreendedora 01</b>	<i>“Sim, aumentou as vendas. “</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>“Engajamento em grupo, a divulgação. “</i>
<b>Empreendedora 03</b>	<i>“Sim, conhecimento. Conseguimos levar o nome da cidade para outros municípios. “</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>“Sim, conheci novas pessoas. “</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>“Sim, através das peças pronta entrega, tive mais visibilidade, contudo, vendas extras. “</i>
<b>Empreendedora 06</b>	<i>“Além do aumentar as vendas, aprendi a ser mais solidária. “</i>
<b>Empreendedora 07</b>	<i>“Antes não tinha costume de conviver em grupo, então aprendi através daqui. “</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>“Um pouco mais de reconhecimento do meu artesanato. “</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Observa-se que diversas mudanças ocorreram após essa convivência e em diversas tocantes. Aumento das vendas; engajamento; divulgação; conhecimentos; visibilidade e reconhecimento. Os espaços solidários proporcionam todas essas situações, e a partir da junção de todas ocorre a construção de ideias para desenvolver ações e trabalhos nos empreendimentos solidários.

Como cita Salazar (2008), a hipótese central da economia solidária está fundamentada na perspectiva de que o que vem sustentando essas práticas não é a sua rentabilidade econômica, mas os laços que os grupos estabelecem no campo dos valores extra econômico, nos aspectos que incidem na mudança de valores,

comportamentos e atitudes. Um dos mais importantes, dentre tais aspectos, é a dimensão educativa que se constrói a partir da inserção dos sujeitos sociais nas unidades de economia solidária. Todas as mudanças mencionadas pelas empreendedoras estão engajadas nesses aspectos.

No que concerne sobre os princípios e conceitos da economia solidária, se descreve no quadro a seguir as opiniões das empreendedoras.

**Quadro 9 - Você sabe o que é economia solidária? Se sim, o que ela faz?**

<b>EMPREENDEDORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Empreendedora 01</b>	<i>“É ser solidário em um grupo onde uns ajuda os outros. “</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>“Sempre debatemos, trabalhamos muito com reciclável, estamos nos ajudando e tem muito trabalho interessante. “</i>
<b>Empreendedora 03</b>	<i>“É uma forma da gente trabalhar com produtos recicláveis, reutilizamos e fazemos um trabalho belíssimo. “</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>“É um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Tem como objetivo incentivar o desenvolvimento da sociedade como um todo, com foco na diminuição da desigualdade econômica e social. “</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>“Sim, são diversos grupos que trabalham com atividades distintas, uns ajudando aos outros em cooperação. “</i>
<b>Empreendedora 06</b>	<i>“ É trabalhar em conjunto em busca de um único objetivo, praticar a solidariedade. “</i>
<b>Empreendedora 07</b>	<i>“Trabalhar em parceria com outras pessoas sempre se ajudando. “</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>“ Sim, ela proporciona que as pessoas trabalhem juntas, em solidariedade. “</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Diante do exposto no Quadro 9, as empreendedoras entendem o sentido da economia solidária, pois de acordo com suas respostas que sempre se voltaram para práticas coletivas, que buscam o desenvolvimento socioeconômico, a fim de diminuir

a desigualdade social, são características da economia solidária e em nenhum momento citam fins lucrativos como objetivos centrais. A questão da reutilização, reciclagem de produtos também se fez presente nas respostas, e de acordo com a pesquisadora através da pesquisa de campo, conseguiu identificar como as empreendedoras levam a sério essa reutilização e produzem belíssimos artesanatos para a comercialização na casa da economia solidária e na ECOART CARIRI.

Essas produções ficam expostas nos locais de estudo desse presente trabalho, como já citado anteriormente. Com isso, um é bem centralizado, no Shopping Sumé e o outro em um galpão, a casa da economia solidária, a frente do Mercado Público do município. Para movimentar e impulsionar as vendas dos artesanatos, além de uma boa divulgação, é necessário que as empreendedoras participem de eventos e exposições, assim a economia solidária da cidade torna-se mais reconhecida. A partir dessa reflexão, foi formulado o seguinte questionamento.

**Quadro 10** - Você já participou de algum evento para exposição dos seus produtos?  
Se sim, qual?

<b>EMPREENDEDORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Empreendedora 01</b>	<i>“Sim, no São João de Sumé nas barracas na praça e na feira de artesanato de Soledade-PB. ”</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>“No stand na praça no período junino. ”</i>
<b>Empreendedora 03</b>	<i>“Sim, no município no São João. ”</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>“Ainda não. ”</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>“Sim, no São João de Sumé. ”</i>
<b>Empreendedora 06</b>	<i>“Sim, no São João de Sumé. ”</i>
<b>Empreendedora 07</b>	<i>“Sim, no São João de Sumé nas barracas na praça e na feira de artesanato de Soledade-PB. ”</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>“Sim, no São João de Sumé nas barracas na praça e na feira de artesanato de Soledade-PB. ”</i>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Frente as respostas do Quadro 10, identifica-se que as empreendedoras participarão de poucos eventos, levando em consideração a diversidade de produtos

que têm, o tempo que já estão envolvidas nas atividades solidárias nesses espaços e também a quantidade de empreendedoras que participam da casa e da ECOART CARIRI. Com esses dados é possível averiguar a pouca participação dos empreendimentos econômicos solidários do município em eventos e exposições.

Basta analisar se essa realidade acontece pela falta de oportunidades para as empreendedoras irem até os eventos; se no período de tempo que participam das atividades houveram de fato poucas exposições ou outros motivos que serão discutidos nas análises durante este trabalho.

A tocante sobre o período da pandemia Covid-19 também relevante discutir nessa seção, pois está sendo um período que afeta todas as áreas da saúde, educação, econômica e social. O próximo quadro irá mostrar como foi a realidade deste período na casa da economia solidária e na ECOART CARIRI.

**Quadro 11** - Durante a pandemia, como você fez para expor/executar as atividades da ecoart?

<b>EMPREENDEDORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Empreendedora 01</b>	<i>“Foram realizadas lives. “</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>“Deu uma parada, mas teve live. “</i>
<b>Empreendedora 03</b>	<i>“Nas redes sociais, na associação, lives e na casa da economia solidária. “</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>“Redes sociais. “</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>“Da mesma maneira que antes, mas usando mais as redes sociais. “</i>
<b>Empreendedora 06</b>	<i>“Através das lives. “</i>
<b>Empreendedora 07</b>	<i>“Continuamos com as vendas no shopping e na casa, mas caiu um pouco e fizemos lives. “</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>“Publicando mais nas redes sociais. “</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Os desafios enfrentados na pandemia afetaram de modo avassalador o desenvolvimento socioeconômico não só do país, mas de todo o mundo. A economia solidária foi um dos métodos adotados por muitos cidadãos para enfrentar algumas situações e entre elas o desemprego, tornando a autogestão uma ferramenta para montar seus próprios negócios.

Na casa da economia solidária e na ECOART CARIRI, essas mudanças ocorreram afetando nas vendas presenciais dos artesanatos. Para tentar alterar essa realidade, as empreendedoras utilizaram frequentemente a tecnologia, através das redes sociais e lives, como está exposto no quadro 11, onde 100 % 08 (empreendedoras) citaram as redes como meio para melhorar as situações causadas.

Não só durante a pandemia, mas todo tempo a economia solidária é fundamental na contribuição do desenvolvimento socioeconômico dos municípios. Como cita Silva e Silva (2008), a economia solidária surge como estratégia para um novo modelo de desenvolvimento sustentável e solidário, visto que todos os envolvidos beneficiam dos seus resultados econômicos, sociais, políticos e culturais. Para entender como ocorre esses processos nos locais de estudo da pesquisa, foi elaborado mais um questionamento.

**Quadro 12** - Qual seu ponto de vista sobre a contribuição da ecoart cariri no desenvolvimento e avanço da economia solidária do município de Sumé-PB?

<b>EMPREENDEDORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Empreendedora 01</b>	<i>“Contribuir com a produção dos artesãos, apoiando o grupo de mulheres em sua renda familiar. “</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>“Tentamos o máximo, tudo é no artesanato, as pessoas não estão abertas para se identificar com artesanato, sentimos muita dificuldade na divulgação. “</i>
<b>Empreendedora 03</b>	<i>“Se não fosse a economia solidária e ECOART as pessoas estariam desestimuladas, e é importante esse incentivo para colocar a nossa cultura. “</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>“É uma oportunidade para os artesãos de Sumé e de todo cariri. “</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>“Em mostrar os diversos artesanatos das artesãs do nosso município. “</i>
<b>Empreendedora 06</b>	<i>“ É uma oportunidade muito boa, pois além das associações da cidade, é a única que dá essa abertura no município. “</i>
<b>Empreendedora 07</b>	<i>“ Por meio dessa atividade, a economia solidária da cidade fica mais conhecida. “</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>“ Desenvolve um pouco mais a economia da cidade, e reconhece o trabalho das artesãs. “</i>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Conforme expõe o Quadro 12, as empreendedoras consideram que a casa da economia solidária e a ECOART CARIRI contribuem de modo significativo para o desenvolvimento das atividades solidárias do município de Sumé e conseqüentemente, no que tange o aspecto socioeconômico também é afetado de maneira positiva.

É importante que as empreendedoras e artesãs tenham essa visão de oportunidade e contribuição, pois se sentem motivadas e conseqüentemente serão incentivo para outras pessoas participarem dos empreendimentos econômicos solidários, logo, a economia solidária do município só tem a expandir.

Por fim, mas não menos importante, a opinião das empreendedoras sobre as melhorias e justificativas em relação a casa da economia solidária e da ECOART CARIRI.

**Quadro 13 - Melhorias/justificativas para a casa da economia solidária e a ecoart Cariri**

<b>EMPREENDEDORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Empreendedora 01</b>	<i>“Precisa de mais apoio cultural, político e da prefeitura da cidade para desenvolver as vendas e reconhecimento; oferta de espaço para melhor expor os produtos; stand e transporte para aproveitar as oportunidades de exposição. “</i>
<b>Empreendedora 02</b>	<i>“Já temos muita coisa boa, temos espaços para cursos, mas ainda é preciso buscar cursos para divulgar, tirar fotos dos produtos, não podemos tirar de todo jeito, precisamos de uma mídia de apoio. Antes da pandemia tinha cursos, mas agora não temos mais. “</i>
<b>Empreendedora 03</b>	<i>“Valorização dos produtos. “</i>
<b>Empreendedora 04</b>	<i>“Precisamos de mais divulgação, mas só agradecer, sou muito feliz em fazer parte da ecoart cariri. “</i>
<b>Empreendedora 05</b>	<i>“Mostrar mais os diversos artesanatos das artesãs do nosso município, administração e incentivo do município. “</i>
<b>Empreendedora 06</b>	<i>“Um apoio para divulgação, pois a propaganda é alma do negócio. “</i>

<b>Empreendedora 07</b>	<i>“Ajuda da prefeitura municipal na locomoção para feiras de artesanatos em outras cidades, “</i>
<b>Empreendedora 08</b>	<i>“Mais apoio da prefeitura municipal. “</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Como todos os empreendimentos, a casa da economia solidária e a ECOART CARIRI precisam de melhorias, como exposto no quadro 13 e de acordo com a opinião das empreendedoras. São melhorias em diversos aspectos, tais como: divulgação, apoio cultural e político por meio do governo municipal; formação através de cursos; administração e locomoção para participar de exposições dos artesanatos fora do município.

O apoio do governo municipal é indispensável para o desempenho dessas melhorias, tendo em vista que é por meio das políticas públicas que devem ser sanadas. Quando se está próximo da realidade é possível identificar os problemas e assim criar mecanismos que solucionem de modo eficaz as problemáticas. Não dispensando a importância das empreendedoras nesse processo, pois são elas que estão diariamente nos espaços e conseguem identificar quais as situações que precisam melhorar, para o desenvolvimento da casa da economia solidária e da ECOART CARIRI.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Com base no roteiro teórico e a análise dos dados desenvolvidas no decorrer da pesquisa, concluiu-se que a Casa Da Economia Solidária e a ECOART CARIRI, situadas no município de Sumé – PB, contribuem para o desenvolvimento socioeconômico do município. No entanto, deve-se considerar que há muito a ser aperfeiçoado. Desse modo, foi possível responder o objetivo geral da pesquisa que é: avaliar as atividades desenvolvidas na Casa de Economia Solidária de Sumé e da ECOART CARIRI e suas contribuições sociais e econômicas para o município de Sumé, na Paraíba.

Em resposta ao objetivo específico referente à verificação dos avanços da Casa da Economia Solidária e da ECOART CARIRI desde sua fundação até os tempos atuais em Sumé-PB, foi averiguado por meio dos questionamentos aplicados às empreendedoras solidárias que ocorreram alguns avanços no que diz respeito aos espaços de exposição dos artesanatos e a maior participação de artesãs, pois através da Casa da Economia Solidária e da ECOART CARIRI, as artesãs conseguem mostrar seus artesanatos de forma que atinge um maior número de pessoas, tanto do município, como também pessoas de outras cidades e estados que visitam seus empreendimentos econômicos solidários (EES).

No que se refere ao objetivo de demonstrar o nível de satisfação das empreendedoras com suas próprias produções na Casa da Economia Solidária e na ECOART CARIRI foi revelado pelas artesãs que se sentem realizadas, pois gostam de confeccionar seus artesanatos e expor, fazendo com que seus trabalhos sejam reconhecidos por outras pessoas, além de conseguir uma renda extra e fazer com que a economia solidária do município seja desenvolvida e propagada por elas, contribuindo também para os avanços socioeconômicos.

Quanto ao objetivo de identificar as mudanças e medidas que foram tomadas pelas artesãs no período da pandemia do Covid-19, conclui-se que buscaram fortemente o meio tecnológico para fortificar os empreendimentos econômicos solidários, tendo em vista que com o isolamento social durante a pandemia, o movimento na Casa da Economia Solidária e na ECOART CARIRI diminuíram. Assim, as divulgações através das redes sociais foi uma alternativa utilizada para divulgar os produtos, além de realizarem lives para vender os artesanatos produzidos, todos eles a pronta entrega.

Sendo assim, quanto ao problema de pesquisa, foi possível analisar como o município de Sumé – PB pratica atualmente a economia solidária por meio da Casa da Economia Solidária e da ECOART CARIRI, mediante o delineamento do perfil das empreendedoras solidárias e artesãs, suas motivações e experiências com atividades econômicas solidárias, bem como seus pontos de vista sobre a contribuição dos seus trabalhos para o desenvolvimento socioeconômico do município, assim praticando a economia solidária constantemente na Casa da Economia Solidária e na ECOART CARIRI.

No entanto, deve-se ressaltar que a Casa da Economia Solidária e a ECOART CARIRI, em Sumé- Paraíba necessitam de melhorias e para isso têm-se como sugestões efetivas: apoio da gestão pública municipal, pois durante a pesquisa por várias vezes as empreendedoras e artesãs citaram a falta de apoio e incentivo da gestão municipal. Esse apoio deve ser em vários aspectos, iniciando por formações e cursos sobre a autogestão. O principal mecanismo da economia solidária é a autogestão, esta que requer toda uma organização, pois ocorre uma democracia direta, onde todos os envolvidos participam das decisões de modo igualitário. A comunicação com as empreendedoras para a coleta de dados foi satisfatório e atingiu o esperado pela pesquisadora, conseguindo alcançar uma boa quantidade de artesãs para a elaboração do trabalho.

Ainda no tocante de formações, ofertar cursos sobre divulgação, marketing e mídia. Mesmo que as empreendedoras já utilizem as redes sociais como ferramenta, ainda é precária a realidade da divulgação dos produtos e atividades da Casa da Economia Solidária e da ECOART CARIRI. Devem existir métodos para conseguir alcançar o máximo de pessoas possíveis da cidade e de toda região, para assim aumentar ainda mais as produções e reconhecimento das artesãs, empreendedoras econômicas solidárias.

Em relação a participação das empreendedoras em eventos e feiras de artesanatos, as artesãs devem buscar se informar mais sobre os eventos que acontecem na região, até mesmo de nível nacional. Mesmo que nos últimos anos a partir do governo do atual presidente, os movimentos solidários tenham sido quase extintos, a mobilização deve partir das empreendedoras econômicas solidárias que são as que mais sentiram essa situação de precarização. Com o apoio primeiramente da gestão pública municipal, será possível atingir o objetivo e movimentar mais a economia solidária.

Portanto, destaca-se a necessidade de novas pesquisas sobre a economia solidária com maior aprofundamento e ampliação do campo de estudo, a nível municipal, estadual e federal, visto que os empreendimentos econômicos solidários são fundamentais para o desenvolvimento socioeconômico, além de que as elaborações teóricas atualizadas são de suma importância para formulação de pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, A. N. **Economia solidária – princípios e contradições**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.
- ARAUJO, T. J. N.; OLIVEIRA, S. V. Capitalismo periférico e alternativas emergentes no mundo do trabalho: a experiência da economia solidária no Brasil. **Revista Argumentos**. v.14, n.1, p. 290-312,2017.
- CATTANI, D. A. (Org.). **A Outra Economia**. Porto alegre: Veraz, 2003.
- DAGNINO, R. **Tecnociência Solidária: um manual estratégico**. Editora Lutas Anticapital. Marília, 2020.
- FERRARINI, A. GAIGER, L.; SCHIOCHET, V. Economia social e solidária: estado da arte e agenda de pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia**, 6, 12: p.157-180, 2018.
- FIGUEIRA, C. M. **ECONOMIA SOLIDÁRIA, COMÉRCIO E TURISMO: OS PRODUTOS ARTESANAIS À BASE DE PALMEIRAS DE BUTIÁ EM SANTA VITÓRIA DO PALMAR, RS, BRASIL**. CULTUR, ano 11 - nº 02, 2017 Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/>. Acesso em: 08 de Agosto de 2022.
- GODOY, T.M.P. **Políticas públicas para economia solidária no Brasil: a autogestão na reprodução das relações sociais de produção**, e-cadernos CES, 2008.
- HARTLEY, J. F. **Qualitative methods in organizational research: a practical guide**. In: CASSELL, C. S. G. (Ed.) London: Sage, 253p. p. 208-229, 1994.
- IBGE – **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Cidades IBGE, panorama de Sumé. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sume/panorama>. Acesso em: 17 de agosto de 2022.
- GAIGER, L. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 28, 82: 211-228, 2013.
- Antecedentes e expressões atuais da economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, p. 81-99, 2009.
- KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.
- LECHAT, N. **As raízes históricas da Economia Solidária e seu aparecimento no Brasil**. Palestra proferida na UNICAMP por ocasião do II Seminário de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, 2002.
- LEMOS, M. E. S. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda**. Dissertação (Mestrado). Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas. Universidade Federal do Ceará, 2011.

LIMA, D. R. L.; CARVALHO H. A. Economia solidária como estratégia para o crescimento inclusivo no Brasil. **R. bras. Planej. Desenv., Curitiba**, v. 9, n. 4, p. 636-656, Edição Especial V Seminário Nacional de Planejamento e Desenvolvimento, out. 2020.

LIMA, F. G. P.; SECONI, F. P. S. **A economia solidária no contexto das grandes Transformações no mundo do trabalho ao longo da história**. Universidade Estadual de Maringá, 2003.

LIMA, C. **Boas práticas em economia solidária no Brasil– Brasília**: CEA; FBES, p.40, 2016.

MOTTA, F. C. P. **Burocracia e autogestão (a proposta de Proudhon)**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

NETO, J. F. M. **Autogestão**. In: Cezar N. B. C.; JOSÉ B. M. (Orgs.). Economia solidária e autogestão ponderações teóricas e achados empíricos. 2005.

PINHO, M. S. M. **Produtos artesanais e mercado turístico**. In: MURTA, Stela Maria & ALBANO, Celina (Orgs.). Interpretar o patrimônio: um exercício de olhar. Território Brasilis, Belo Horizonte: Ed. UFMG, p.169-180 2002.

REDAÇÃO RBA. **Economia Solidária movimenta cerca de R\$ 12 bilhões ao ano no Brasil**. Rede Brasil Atual, 16 de Jul. de 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/economia/2019/07/economia-solidaria-movimenta-cerca-de-r-12-bilhoes-ao-ano/>. Acesso em: 09 de agosto de 2022.

ROCHA, J. M. **Economia solidária**: discutindo uma nova ética nas relações de trocas. Universidade da Região da Campanha, 2004.

SALAZAR, S. N. **Trabalho e educação nas práticas de economia solidária**: uma sociabilidade na perspectiva emancipatória? 2008. 271 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: [http://www.socioeco.org/bdf\\_fiche-document-2994\\_pt.html](http://www.socioeco.org/bdf_fiche-document-2994_pt.html). Acesso em: 07 de Agosto de 2022.

SANTOS, D. de C. L. e P.; LEITE, E. F.; FONSECA, S. M. M. **Políticas Públicas de Fomento ao Empreendedorismo no Estado de Pernambuco**. Desenvolvimento em Questão, [S. l.], v. 12, n. 28, p. 144–169, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/2570>. Acesso em: 24 de Agosto de 2022.

SCHMIDT, J. P. Para estudar políticas públicas: aspectos conceituais, metodológicos e abordagens teóricas. **Revista Do Direito**, p. 119-149, 2018.

SCHIOCHET, V. **Da democracia à autogestão**: Economia Solidária no Brasil. In: BENINI, Édi A. et al. (Orgs.). Gestão pública e sociedade: fundamentos e políticas públicas de Economia Solidária. São Paulo: Outras Expressões, p. 17-44, 2012.

**SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES EM ECONOMIA SOLIDÁRIA (SIES).**  
Disponível em: <http://sies.ecosol.org.br/sies>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

SILVA, L. A. C. **Autogestão na economia solidária: metodologias e práticas coletivas na formação de atores sociais.** Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

SILVA, A. O. A.; MATOS, F. R.; MACHADO, D. Q.; ARRUDA, C. D. B. Economia solidária e desenvolvimento local sustentável: um estudo de caso em um sistema de agricultura familiar. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, vol. 17, núm. 2. p. 163-178 Universidade Federal de Lavras Minas Gerais, 2015.

SILVA, J. L. A.; SILVA, I. R. **A economia solidária como base do desenvolvimento local**, e-cadernos CES, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1451>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

SILVA, S. “**O campo de pesquisa da economia solidária no Brasil: abordagens metodológicas e dimensões analíticas**”. Textos para Discussão, nº 2361. Rio de Janeiro, Ipea, 2018.

SINGER, P.; SCHIOCHET, V. **Economia solidária e saúde mental: a construção da política nacional de cooperativismo social.** In: K. L. R. Pinho, L. P. Pinho, I. A. O. Lussi & M. L. T. Machado (Eds.), Relatos de experiências em inclusão social pelo trabalho na saúde (pp. 4-7). São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2014.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2002.

**Solidariedade na Economia: Uma Alternativa à Competição Capitalista.** 2003. Entrevista Disponível em [http://twiki.im.ufba.br/pub/PSL/EconomiaSolidaria/Entrevista\\_Paul\\_Singer.pdf](http://twiki.im.ufba.br/pub/PSL/EconomiaSolidaria/Entrevista_Paul_Singer.pdf). Acesso em: 01 de agosto de 2022.

SINGER, P., SOUZA, A. R. **A economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego.** São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, P. **Um Olhar diferente sobre a Economia Solidária.** In: FRANÇA FILHO, G.C de e LAVILLE, J. Economia Solidária uma abordagem internacional. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SOUZA, A. R.; JUNIOR F. A. A economia solidária como resposta à crise pandêmica e fator de outro tipo de desenvolvimento. **P2P & INOVAÇÃO**, Rio de Janeiro, v. 7, Ed. Especial, p. 8-25, 2020.

TIRIBA, L. **Economia Popular e Produção de uma Nova Cultura do Trabalho: contradições e desafios frente à crise do trabalho assalariado.** In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) Educação e Crise do Trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, p. 75-101, 1998.

**Ciência Econômica e Saber Popular:** reivindicar o “popular” na economia e na educação. In: TIRIBA, L; PICANÇO, Iracy (Orgs.). Trabalho e Educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária. Aparecida/SP: Idéias & Letras, p. 75-101, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

# APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL DO SEMIARIDO - CDSA  
UNIDADE ACADÊMICA DE GESTÃO PÚBLICA - UAGESP  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO PÚBLICA

## **APÊNDICE 01**

### **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

Caro colaborador, este questionário tem como objetivo geral avaliar as atividades desenvolvidas na Casa de Economia Solidária de Sumé – ECOART CARIRI e suas contribuições sociais e econômicas para o município de Sumé, na Paraíba. Ressalta-se que toda resposta aqui fornecida terá como finalidade, única e exclusiva, a obtenção de dados para pesquisa de trabalho de conclusão de curso, da referida instituição.

Cabe destacar o sigilo relativo aos participantes, que neste estudo não há respostas certas ou erradas, bem como não haverá individualização de respostas. Esteja certo de que a sua participação é muito importante para o êxito dessa pesquisa de campo.

Cientes de sua valiosa contribuição, agradecemos antecipadamente.

Mariane Cazuza Santos

E-mail: [marianecazuza@outlook.com.br](mailto:marianecazuza@outlook.com.br)

Dr. Luiz Antônio Coêlho da Silva, Prof. orientador.

E-mail: [luidd@yahoo.com.br](mailto:luidd@yahoo.com.br)

### **QUESTIONÁRIO A SER APLICADO COM AS ARTESÃS NA CASA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA DE SUMÉ – ECOART CARIRI**

- 1- Gênero?
- 2- Faixa etária?
- 3- Nível de escolaridade?
- 4- Estado Civil?

- 5- Renda mensal?
- 6- Qual a motivação para participar do grupo de atividades da ECOART CARIRI?
- 7- Qual a renda obtida na ECOART?
- 8- Há quanto tempo você participa das atividades?
- 9- Qual ou quais produtos você confecciona?
- 10- Qual sua profissão/experiência profissional?
- 11- Antes de participar da ECOART, você já confeccionava artesanato?
- 12- O que você já aprendeu durante esse tempo na ECOART?
- 13- Desde quando você participa da ECOART, houve o incentivo de alguma repartição pública no engajamento das atividades, seja ele financeiro ou não?
- 14- Quais os desafios enfrentados para ampliar as atividades na ECOART?
- 15- Ocorreram mudanças em sua vida após você participar da ECOART? Se sim, quais?
- 16- Você sabe o que é economia solidária? Se sim, o que ela faz?
- 17- Você já participou de algum evento para exposição dos seus produtos? Se sim, qual?
- 18- Durante a pandemia, como você fez para expor/executar as atividades da ECOART?
- 19- Qual seu ponto de vista sobre a contribuição da ECOART CARIRI no desenvolvimento e avanço da economia solidária do município de Sumé-PB?
- 20- O que precisa melhorar na ECOART CARIRI?
- 21- Se desejar faça algum comentário, justificativa ou acrescentar algum assunto referente à (s) questão (ões) acima, ou ainda, sobre algum tema não abordado, fique à vontade.

---

---

---

**Obrigada pela sua participação!!!**

## APÊNDICE 2

**Fotografia 1** - Artesanatos produzidos na Casa da Economia Solidária e na ECOART CARIRI



Fonte: Fotos tiradas pela pesquisadora (2022).

**Fotografia 2** - Pesquisadora e Artesã na Casa da Economia Solidária e na ECOART CARIRI



Fonte: Fotos tiradas pela pesquisadora (2022).